



Renato Riella e os filhos: sem ousadias que são importantes

A realidade ⁵⁸ fora da escola

"Onde matricular meu filho?"

Para saber das motivações dos pais, o **Caderno 2** ouviu o secretário de Comunicação do Governo do Distrito Federal, Renato Riella, que tem dois filhos matriculados no Colégio Santo Antônio, e Rebeca Scatrut, jornalista da Rede Globo, que tem os três filhos estudando no Instituto Natural de Desenvolvimento Infantil, a escola da Tia Bibia.

Riella define o Colégio Santo Antônio, onde estudam Gil, de 14 anos, e Jan, de 12 (a caçula, Nara, de oito anos, está no Candanguinho) como "uma escola tradicional, grande e bem equipada".

Ele admite que matriculou os filhos na instituição, mantida por religiosos, "por comodismo".

— Como eu e minha mulher (a jornalista Jandira Riella) trabalhamos o dia todo, numa correria muito grande, acabamos não podendo dar aos nossos filhos o atendimento que eles precisam. Daí, termos optado por uma escola tradicional, que tem prestígio, boas instalações, embora não tome ousadias que julgamos importantes.

Riella enumera os pontos básicos necessários a uma verdadeira escola: infra-estrutura tecnológica, visão comunitária e busca de soluções alternativas.

— A criança de hoje, argumenta, está totalmente envolvida com a tecnologia. Na minha casa, por exemplo, quem entende todo os segredos do videocassete são meus filhos. O nosso computador, também, é manipulado por eles com mais interesse e competência que, por mim e minha mulher. A tecnologia faz parte do universo deles. Outro ponto, para mim o mais relevante, é dar à criança uma visão comunitária. Hoje, todos concordam que a sociedade brasileira evoluiu além das instituições. Na minha quadra (a QI 17, no Lago Sul),

há uma excelente Prefeitura. Meu filho Gil faz parte do Conselho Mirim. Uma ou duas vezes por mês, ele participa de reuniões e debate os problemas da área. Esta prática, que lhe ensina a exercitar sua cidadania, não está na escola onde estuda.

O terceiro ponto relevado por Riella diz respeito à busca de soluções alternativas:

— Hoje, informalmente, todos nós procuramos alternativas, novos caminhos. Nossas escolas, porém, ainda não se motivaram com estas buscas. Experiências como olarias comunitárias, acupuntura, alimentação natural etc, não fazem parte de suas preocupações. Até hortas comunitárias, experiência comum nas escolas da rede pública, são ignoradas pelas escolas particulares. Questionar o consumo excessivo de refrigerantes e açúcar não faz parte do processo educativo de nossas instituições educacionais.

Riella confessa que, às vezes, se atormenta em ver os filhos numa escola que "não contribui, em profundidade, para o pleno desenvolvimento do indivíduo". E mais: por ter um espírito muito crítico em relação à escola chega a sentir remorso "porém, acrescenta: "Não conheço, em Brasília, nenhuma experiência renovadora que atenda aos três pontos que julgo norteadores".

Para dar exemplo de um tema que esperava ver desenvolvido pela escola de seu filho, Riella cita o caso das eleições:

— A escola não aproveitou a oportunidade para colocá-los em campo, ou seja, numa pesquisa nas quadras circunvizinhas ao colégio. Eles poderiam ter feito enquête bem elaborada, ouvindo os moradores, estudando suas respostas e reivindicações. Nada disso, porém, foi feito.

Outra preocupação de Riella: "Se nós não levarmos nossos filhos a tomar contato com a realidade brasileira, eles crescerão no circuito Lago Sul/Asa Sul. Se depender da escola, permanecerão restritos ao Plano Piloto. Correm o risco de nunca ter uma favela ou área carente como campo de estudo.